



Ponte, 2006 (foto: ??)

OBRAS

Móbile I, 2024
porcelana e aço inox,
105 X 78 X 60 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Entroncados Canto VI,
2024
porcelana e aço inox
Ed 1/3 (+PA e HC)

Laçados III, 2024
porcelana e aço inox,
62 X 38 X 12 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Laçados II, 2024
porcelana e aço inox,
130 X 50 x 12 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Sem título, 2022
porcelana, 56 x 64 x 5 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Sem título, 2022
porcelana, 50 x 33 x 4 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Sem título, 2018
porcelana
Ed 1/3 (+PA e HC)

Ponte Cerâmica,
2017-2018
porcelana e concreto
moldado, 40 X 54 X 13 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Ponte Cerâmica,
2017-2018
porcelana e concreto
moldado, 40 X 54 X 13 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Ponte Cerâmica,
2017-2018
porcelana e concreto
moldado, 40 X 54 X 13 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Sem título, 2018
cerâmica esmaltada,
65 X 58 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Sem título, 2018
cerâmica esmaltada,
65 X 55 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Da Série Perimetrais,
2012
gravura em metal sobre
papel hahnemuhle,
123 X 254 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Passarelas II, 2011
alumínio pintado e cabos
de aço, 85 x 200 x 35 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Ponte, 2006
acrílico e vinil adesivo,
80 X 42 x 25 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Ponte IV, 2006
acrílico e vinil adesivo,
40 X 90 x 27 cm
Ed 1/3 (+PA e HC)

Torres Armadas I, 2012
concreto e aço
Ed 1/3 (+PA e HC)

Torres Armadas II, 2012
concreto e aço
Ed 1/3 (+PA e HC)



P Cultural
PINAKOTHEKE

Rua São Clemente 300 | Botafogo
22260-004 | Rio de Janeiro | RJ
Tel.: (21) 2537.7566
contato@pinakothেকে.com.br
www.pinakothেকে.com.br

Exposição apresentada no
período de 21 de outubro
a 30 de novembro de 2024

Aberta à visitação pública
de segunda a sexta-feira
das 10h às 18h e aos
sábados das 10h às 16h

Sem título, 2022 (foto: Pat Kilgore)

Móbile I, 2024 (foto: Vicente de Mello) (capa)



ANA HOLCK

ENSAIOS LINEARES

21 de outubro
a 30 de novembro

P Cultural
PINAKOTHEKE



foto: Vicente de Mello

ANA HOLCK vive e trabalha no Rio de Janeiro. Inicia sua trajetória nos anos 2000, com instalações de grande formato, entre as quais *Elevados*, no Paço Imperial, Rio de Janeiro (2005), *Bastidor*, no Centro Cultural Banco do Brasil (2010) e *Splash*, no SESC Pinheiros (2010). Realizou as individuais, *Entroncados*, *Enroscados* e *Estirados*, Paço Imperial, Rio de Janeiro (2023); *Perimetrais*, MdM Gallery, Paris (2013); *Perimetrais*, Zipper Galeria, São Paulo (2012); *Ensaios Não Destrutivos*, Anita Schwartz Galeria, Rio de Janeiro (2012); *Os Amigos da Gravura*. Museu da Chácara do Céu (2010), entre outras. Principais coletivas, *Monumental 2018: A Arte Delas* (2018), *Coleção Edson Queiroz*, Fortaleza (2016), *Edital Arte e Patrimônio*, Paço Imperial, Rio de Janeiro (2014), *Mulheres nas coleções João Sattamini* e *MAC Niterói* (2012) *Lost in Lace*, no Birmingham Museum and Art Gallery, Inglaterra (2011); *1911-2011 Arte Brasileira e depois na Coleção Itaú Cultural*. Paço Imperial, Rio de Janeiro (2011); *AGORA simultâneo, instantâneo*. Santander Cultural, Porto Alegre (2011); *Trilhas do Desejo*, Rumos Artes Visuais 2008/2009. Itaú Cultural (2009); *Borderless Generation: Contemporary Art in Latin America*. Korea Foundation, Seul, Coréia do Sul (2009); e *NOVA ARTE NOVA*. Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo (2008/2009). Possui obras nos acervos do Itaú Cultural, Pinacoteca do Estado de São Paulo, MAM Rio de Janeiro, MAM São Paulo, MAC Niterói, entre outros. Ana Holck cursou Arquitetura e Urbanismo na FAU/UFRJ (1995-2000), Mestrado em História Social da Cultura na PUC-Rio (2001-2003) e doutorado em Linguagens Visuais na EBA-UFRJ (2006-2011).

ANA HOLCK

AS RETAS QUE SE REVELAM CURVAS

por Francesco Perrotta-Bosch

Começamos pela quina da sala. O trabalho *Entroncados Canto VI* perturba os fundamentos da arquitetura. Quando Ana Holck decide pelo encontro de duas paredes, ela ocupa uma posição por milênios preenchida pelas pilastras, as quais, segundo o vocabulário arquitetônico clássico, são encimadas por capiteis. Na gênese da arquitetura ocidental está o capitel da ordem jônica caracterizado pelo par de volutas: tais formas não são adornos, mas advêm de séculos de aprimoramento geométrico dos helênicos para o encontro das proporções áureas de decrescimento do raio do círculo, objetivando uma espiral mais perfeita do que a encontrada em um caracol na natureza. Um tanto empiricamente, ou talvez pelo subconsciente, Holck desmesura esse modelo geométrico. O cânone arquitetônico de busca do perfeito equilíbrio da forma é rechaçado na sua combinação de porcelana e aço inox. Seus *Entroncados* são fitas contínuas, porém distorcidas na vitória da força centrífuga sobre a centrípeta. Ao lançar paraboloides assimétricas sobre o espaço, desestabiliza-se a harmonia entre as partes tão almejada desde a Era Clássica até a Modernidade na arquitetura.

Isto é silenciosamente reafirmado pela artista no *Móvil I*, constituído por curvas que o compasso não proporciona e centralizado por uma reta avessa à linearidade da régua.

Nos *Laçados*, a exacerbação dos giros e elipses não é uma operação barroca, porque não é proliferação para reafirmação, mas gestualidade de obsessiva contestação às regras. A arquitetura incomoda Ana; e, por sua vez, Ana desafia a arquitetura.

As referências à arquitetura não são fortuitas. É a profissão pela qual Ana Holck se formou na universidade. Também se tangencia no ofício do pai engenheiro-calculista. E se escancara no léxico – pontes, passarelas, perimetrais, grades, torres – dos títulos dos trabalhos expostos nesta mostra panorâmica da trajetória de duas décadas e meia.

De 2012, a série *Perimetrais* é um registro da via expressa ainda recordada por qualquer carioca acima dos 15 anos de idade. Ana Holck secciona a quilométrica e curvilínea linha que cindia o centro da cidade e a baía de Guanabara. As gravuras evidenciam a diversidade de desenhos estruturais – perímetros – ao longo da megalômana infraestrutura



Laçados II, 2024 (foto: Vicente de Mello)

urbana. Tal como cortes nos projetos arquitetônicos ou radiografias na medicina, as seções de cada trecho da Perimetral são delineadas por linhas retas. A curvatura do comprimento do viaduto no mapa é suprimida pela representação das fatias. Ao evocar a memória, discernimos as retas que se revelam curvas.

Esta ideia também se faz presente na série *Pontes Vinílicas* quando, ao fazer uma estrutura tensionada, a artista engendra dois arcos a partir de seções de retas. É uma operação de decomposição geométrica da curva. Entretanto, é preciso estar atento a uma subversão tectônica de Ana Holck: há uma alusão às pontes de aço feitas por engenheiros como Gustave Eiffel, Benjamin Baker e John Fowler que, na virada do século 19 para o 20, venceram vãos antes inalcançáveis, mas a artista revisita os mesmos princípios estruturais com o despretenso puxar e repuxar de fitas de vinil envolvidas por caixas de acrílico. A magnitude e o heroísmo da inovação técnica dos engenheiros são esvaziados na singeleza dos materiais de Holck.

Com as *Pontes Cerâmicas*, seguimos fora do campo da literalidade ou das maquetes. Com uma porcelana delicada, a artista apresenta o equilíbrio estrutural sob leve imperfeição: uma forma regularmente constituída por elementos metálicos é refeita sob a égide da mão – tal como uma inversão da marcha histórica da evolução das cadeias produtivas, Holck apropriou-se um modelo industrializado

e o converteu em artesanania. Tais *Pontes Cerâmicas* aparentam estar suspensas num momento de construção que não finda, permanecendo em um vaivém entre o projetado e o incidental. Essa correspondência com o canteiro de obras reaparece na série *Torres Armadas*, com trabalhos compostos por elementos de concreto pré-moldado para cercas. Esse material de catálogo de construção civil tem seu propósito funcional absolutamente desconsiderado. Confere-se uma dimensão escultórica a um elemento pragmático e banal. O valor artístico reside em questões formais como o arranjo em tríade e a verticalidade encontrada numa disposição autônoma de fundações no solo.

O tênue equilíbrio encontrado em meio a uma tensão estrutural regressa nas *Passarelas* de Ana Holck. É também uma composição de linhas curvas e retas tal como as *Pontes*. As *Passarelas* de 2011 são, sobretudo, um prenúncio dos *Entroncados*, *Enroscados* e *Estirados* de 2023 e 2024 no que tange a recusa à planalidade e a ambição de lançar-se no espaço sem se desprender da parede da qual irrompe.

Emergir do plano vertical é igualmente um pressuposto para a série *Grades*. Tais trabalhos se destacam por friccionarem o rigor da modulação própria à *minimal art*. Perdura a lógica do grid em sua ordem regular, na correlação dos eixos, na repetição das linhas e na equidistância entre as partes, mas toda severidade métrica é sutilmente amolecida por Ana Holck.

Não raro o primeiro ato dos arquitetos frente a uma folha em branco é desenhar uma grelha quadricular para estabelecer as proporções da edificação em concepção; por sua vez, com as *Grades* compostas por retas não retilíneas, a artista fere o ato fundamental de projetos de arquitetura.



Ponte Cerâmica, 2017-2018 (foto: Pat Kilgore)



Sem título, 2018 (foto: Vicente de Mello)



Sem título, 2018 (foto: Pat Kilgore)